

## **Rede Nativas: fortalecendo a equidade de gênero na restauração de ecossistemas brasileiros**

Gabriela Albuquerque Lucio da Silva<sup>1</sup>; Amanda Augusta Fernandes<sup>1</sup>; Laura Aluotto de Oliveira<sup>1</sup>; Luana Ariel Cardoso de Carvalho<sup>1</sup>; Gabriela Vieira Urushimoto da Silva<sup>1</sup>; Juliana Santoro Furlan<sup>1</sup>; Marina Antunes Manço Ribeiro<sup>1</sup>; Gisele Catelli D'Agostino<sup>1</sup>

1 - Rede Nativas - Mulheres na Restauração Ecológica, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo

A integração da diversidade biológica é de elevada importância para o sucesso do processo da restauração ecológica. No entanto, nota-se que a diversidade humana, particularmente em questões de gênero, ainda é pouco integrada ao planejamento, execução e monitoramento dessas iniciativas. No Brasil, apesar dos avanços em governança e redes colaborativas na área socioambiental, a desigualdade de gênero persiste, com homens ocupando a maioria dos cargos de liderança. Essa disparidade reflete-se na menor visibilidade feminina na produção acadêmica e profissional. Este estudo investiga como uma rede colaborativa pode promover maior equidade de gênero na restauração ecológica, analisando o surgimento e as primeiras ações da Rede Nativas – Mulheres e Meninas na Restauração Ecológica, oficializada em julho de 2024 durante a V Conferência Brasileira de Restauração Ecológica (SOBRE) que reuniu mais de mil profissionais. A rede adota uma estrutura de governança democrática e rotativa, incentivando a troca de saberes entre mulheres de diferentes origens étnico-raciais, biomas e trajetórias. Como primeira ação, a Rede Nativas aplicou um questionário, respondido por 231 integrantes, que evidenciou desafios já conhecidos pelas mulheres, mas ainda pouco visibilizados. Nesse contexto, do total de participantes, 59,3% relataram já ter vivenciado situações de preconceito de gênero, caracterizadas, por exemplo, pela desvalorização de suas contribuições em discussões técnicas — as quais são frequentemente ignoradas quando apresentadas por mulheres, mas validadas ao serem reiteradas por homens. Além disso, 69,3% afirmaram já ter sido alvo de atitudes consideradas machistas, principalmente em campo. Esses resultados destacam a urgência de incorporar a equidade de gênero como critério de êxito em projetos de restauração, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5) e à Década da Restauração de Ecossistemas. Em julho de 2025, um ano após sua formação, a Rede contabiliza 1.058 mulheres e 45 integrantes, das quais 15 atuam como coordenadoras dos Grupos de Trabalho da Rede. Desde sua criação, a Rede tem fortalecido as trocas de experiências e ampliado oportunidades de inserção profissional de mulheres na área, o que reforça a importância de espaços colaborativos como este. A atuação da Rede Nativas mostra que, para transformar práticas e resultados, é fundamental criar ambientes de acolhimento, ampliar a representatividade feminina nas tomadas de decisão e implementar políticas públicas que integrem a equidade de gênero à restauração ecológica. Redes colaborativas, como a Nativas, não apenas aumentam a eficácia dos projetos de restauração, mas também asseguram que esses processos sejam socialmente justos e representativos. Este trabalho reforça a necessidade de abordagens interseccionais na restauração ecológica, valorizando o papel das mulheres como agentes de transformação socioambiental.

**Palavras-chave:** Diversidade; Governança; ODS 5; Restauração Ecológica; Redes Colaborativas.